

PENTECOSTALISMO BRASILEIRO: CONFLITOS E ACORDOS ENTRE O DOGMATISMO DOCTRINÁRIO E O ECLETISMO DA EXPERIÊNCIA MÍSTICA

BRAZILIAN PENTECOSTALISM: CONFLICTS AND AGREEMENTS BETWEEN DOCTRINAL DOGMATISM AND ECLECTICISM OF MYSTICAL EXPERIENCE

Rízia Eduarda Andrade¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal analisar o hibridismo religioso presente em manifestações do pentecostalismo brasileiro, procurando observar neste campo religioso os conflitos, tensões e acordos costurados entre doutrinas fechadas no campo doutrinário da instituição religiosa, com práticas religiosas de contornos muito mais determinados pelo contexto local dos fiéis do que propriamente de elites dogmáticas. Para a elaboração do tema em questão foram utilizadas ferramentas analíticas da prática metodológica de Bourdieu, onde se procura destacar o caráter pragmático interno e externo que adquirem os símbolos religiosos principalmente quando se consideram as disputas e acomodações ocorridas no interior dos *campos* de produção onde estes símbolos são operacionalizados e adquirem seu poder singular para regular e direcionar afetos e comportamentos.

Palavras-chave: sociologia da religião; pentecostalismo brasileiro; produções simbólicas.

Abstract: The main objective of this work is to analyze the religious hybridity present in manifestations of Brazilian Pentecostalism, seeking to observe in this religious field the conflicts, tensions and agreements sewn between closed doctrines in the doctrinal field of the religious institution, with religious practices of much more contours determined by the local context faithful rather than dogmatic elites. For the elaboration of the theme in question, analytical tools of Bourdieu's methodological practice were used, in which it seeks to highlight the internal and external pragmatic character that religious symbols acquire, especially when considering the disputes and accommodations that occurred inside the production fields where these symbols they are operationalized and acquire their unique power to regulate and direct affections and behaviors.

Keywords: sociology of religion; brazilian pentecostalism; symbolic productions.

¹ Graduada em Psicologia pela Faculdade Pio Décimo, Sergipe, mestranda no programa de pós-graduação em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Sergipe

Introdução

Falar sobre religião é quase sempre um tema delicado e acaba envolvendo sensibilidades seja de quem fala do assunto, seja da parte de quem ouvi. Esta dificuldade, largamente percebida no senso comum e no cotidiano da vida como bem exemplifica a famosa frase popular: *"política, religião e futebol não se discute"*, também aparece na formação e prática científica. E apesar daquela advertência proverbial, os insistentes cientistas continuam a propor discussões sobre estes e outros assuntos espinhosos.

Contudo, ao propor uma discussão científica sobre a religião muitos pesquisadores nem sempre têm clareza daquelas dificuldades. Por exemplo, os conceitos e 'preconceitos' acadêmicos podem facilmente distorcer (para mais ou para menos) certos processos que se dão no interior de uma crença e/ou prática religiosa. É bem verdade que a palavra 'preconceito' já se tornou tão usada que quase se perde seu conteúdo expressivo, mas nesta discussão basta considerar este termo a partir do seu sentido puramente denotativo, sem necessariamente implicar um juízo de valor negativo ou uma prática moral errada, ou seja, o que se pretende dizer ao enunciar o perigo de 'preconceitos' científicos é somente assinalar a dificuldade natural que se tem ao tentar conciliar os discursos e os sentidos de um campo de produção simbólico forte como a religião com outro campo de produção simbólico tão forte quanto é o científico.

Tendo em mente as grandes interações simbólicas que se cruzam entre grupos religiosos, científicos e políticos fica ainda mais complexa a tarefa conceitual e analítica do cientista da religião. No Brasil contemporâneo, por exemplo, as principais e mais dinâmicas formas religiosas tem se dado no campo de práticas pentecostais e neopentecostais, exatamente onde se podem verificar como aqueles fenômenos se integram de maneira clara e direta. E como estas práticas altamente populares têm características místicas e de experiências efusivas logo vem à tona as complexas redes significativas que compõem o panorama religioso brasileiro.

Tendo em mente as questões apontadas por Sanchis (2007) é preciso antes de mais nada esclarecer o espaço próprio onde se insere o debate científico apontando suas diferenças em relação ao espaço da vivência da religião enquanto modalidade cultural; uma

ciência da religião orientada por um modelo de sociologia da religião procura sobretudo analisar os conteúdos religiosos a partir da visualização teórica da noção de 'meio social', prevalecendo neste modelo a noção de quantificação e qualificação dos comportamentos religiosos de modo a procurar o valor cultural e ritual que se estabelece na vida religiosa.

1 Porque falar de pentecostalismo?

Os números crescentes de fieis, pastores, igrejas gigantescas e mesmo políticos eleitos com o apoio destes grupos poderiam ser uma evidência empírica suficientemente forte para justificar qualquer pesquisa nesta área. Sobre os números pode-se destacar que o trânsito religioso é bem intenso no Brasil, sobretudo entre denominações cristãs; normalmente os pesquisadores em religião tomam como ponto de referência as pesquisas censitárias do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sendo o Censo de 2010 última pesquisa mais completa sobre os traços religiosos do povo brasileiro, a partir de onde Marques (2013, p.19) destacou as seguintes porcentagens: 64,6% de católicos, e 25% de evangélicos, dentre os quais se destacam os de orientação pentecostal com 19% entre os que se autodenominaram evangélicos. Estes números podem muito bem estar desatualizados, além disso um censo demográfico, ainda que muito confiável do ponto de vista estatístico, deixa escapar uma série de elementos sutis, como por exemplo a questão de que o vínculo religioso estabelecido por fieis em igrejas evangélicas nem sempre é tão estável quanto aparentam as taxas. Assim, as pesquisas em ciência da religião precisam considerar com mais detalhamento os tipos de movimentos internos que orientam e de certa forma estão nas bases fundacionais destas manifestações religiosas.

Contudo, mesmo sem descartar a importância simbólica dos números, ao que tudo indica o que mais pode justificar estudos científicos sobre o pentecostalismo brasileiro são as possibilidades que este fenômeno oferece para demonstrar o caráter espiritualmente criativo e híbrido do Brasil. Muitas pesquisas e novas tendências acadêmicas² procuram

2 Exemplos de tendência de pesquisas podem ser as seguintes: quais os compromissos religiosos assumidos em comunidades evangélicas; como se tem operado as flexibilizações de usos e costumes que outrora foram tão rígidas; quais as causas internas que operam no movimento continuado de mudanças denominacionais, entre outros.

ênfatar a importância dos processos híbridos na cultura e na história do povos, contudo, ao se observar tal situação fica claro que não se trata de um processo pacífico, pelo contrário, se trata de um fenômeno onde são operados e adaptados uma série de simbólicos religiosos diferentes, e as pessoas muitas vezes agem mais movidas por estas posses simbólicas do que precisamente por algum impulso interno 'secreto'.

O processo religioso brasileiro, apesar de seu histórico ligado ao catolicismo, tem muitos traços de pluralismo e combinações simbólicas oriundas das várias matrizes culturais do povo brasileiro; é isto que Sanchis (1997) apontou em seu trabalho, segundo ele a religiosidade católica brasileira que já na época dos fins dos anos 90 vinha apresentando uma perda significativa não apenas no número de fiéis, quanto também na hegemonia cultural que tem sobrevivido muito mais em função de movimentos populares internos que ainda conseguem manter a vinculação entre a instituição e certos setores da sociedade brasileira.

Sanchis (1997) também apontou o movimento de diversificação identitária e a relativa homogeneização dos movimentos de acomodação religiosa. Ele lembrou que os processos de mudanças religiosas do Brasil contemporâneo protagonizado principalmente pelos pentecostais já seria um fator representativo de tendências pluralistas fortes desde a época colonial quando da associação sincrética de religiões de matrizes africanas, que preservando certos aspectos culturais ancestrais, associaram-se também a motivos e símbolos religiosos do cristianismo. De fato, ao que tudo indica o processo de hibridização da religiosidade brasileira segue num fluxo onde simbologias se cruzam e o cristianismo, ainda que sob roupagens diferentes, continua a orientar muitos rumos espirituais na religiosidade brasileira.

O hibridismo tem sido um tema muito debatido no cenário intelectual atual, marcado pelo influxo de uma cultura cada vez mais globalizada que exerce influência sobre comunidades que ainda tentam preservar suas características indenitárias. Burke (2010) em um ensaio eloquente descreveu os principais enfoques do tema hibridismo tratando de citar uma série de autores como o brasileiro Gilberto Freyre; o cubano Fernando Ortiz, o indiano Homi Bhabha, só para citar alguns, que mesmo oriundos de regiões da 'periferia' do mundo ocidental trazem em seus trabalhos questões relevantes para a boa compreensão

do cenário religioso e também cultural em um mundo globalizado que exige do homem uma postura mais miscigenante, onde acomodações culturais tornam-se o motor de muitos processos que em outros momentos históricos seriam impensáveis.

A hibridização dos aspectos religiosos segue a tendência de acomodação de elementos convergentes, onde o nativo de uma cultura ao assimilar outra religiosidade a recobre de traços característicos de sua própria cultura. Tal fenômeno nem sempre ocorre de modo consciente, sendo muitas vezes um conjunto latente de disposições para preservar sua identidade ainda que associando novos elementos simbólicos que sejam mais atraentes, sendo que cada ambiente religioso moderno traz em si o germe de longos processos históricos de hibridização e associações simbólicas (BURKER, 2010).

Portanto, tendo em vista as complexas redes de relação que ocorrem no interior de certas acomodações religiosas, sobretudo no caso do pentecostalismo brasileiro, o caminho deste artigo seguirá uma linha teórica direcionada a compreender as tensões entre dogmatismo institucional e influências místicas e como estes dois aspectos que num primeiro momento podem parecer antagônicos, têm sido conjugados em práticas e crenças eficazes. Crenças dogmáticas e êxtases misteriosos são dados religiosos tão inseparáveis quanto o corpo físico é do fôlego vital que mantém sua integridade.

1.1 Materiais e métodos

Para os fins deste trabalho foram selecionados autores que tratam da temática pentecostalismo no Brasil e os métodos para as análises foram importados do campo sociológico de Pierre de Bourdieu (1989), principalmente seus conceitos operativos de *campo simbólico* e *habitus*. O método de Bourdieu não é o único que se encaixaria em uma análise sociológica do fenômeno religioso. Por exemplo, Portella (2011) destacou sobretudo as duas tendências metodológicas predominantes nas ciências da religião, a primeira diz respeito ao método fenomenológico muito utilizado nos estudos em História da Religião, segundo o qual se privilegiou a experiência do sagrado enquanto algo em si mesmo. E outra que se trata das metodologias sociais, a partir das quais se olha objeto religioso enquanto um fenômeno predominantemente sociológico e por isso focaliza a atenção

do pesquisador nos elementos culturais e socialmente observáveis do comportamento religioso, procurando delinear as formas e padrões prevalente nas relações entre os homens e sagrado.

Bourdieu não foi o único nem o primeiro sociólogo³ a fazer análises científicas do objeto religião, porém, ele foi um dos primeiros a compreender o caráter inter-relacionais que os campos de produtos simbólicos exercem entre si. Portanto, tendo em vista o caráter eminentemente teórico deste estudo há mais pertinência em utilizar os instrumentos propostos por Bourdieu, sobretudo porque os conceitos religiosos, assim como outros elementos simbólicos, têm sua força de atração maximizados de acordo com o nível de familiaridade que os usuários daqueles símbolos têm com os mesmos.

Esta questão da familiaridade é forjada no interior dos próprios campos de produção simbólica, mas não estão localizados em um certo 'espaço' autônomo de ideias transcendentais e eternas, pois demandam do tempo e da participação *atualizante* dos agentes humanos envolvidos neste ou naquele *campo*. E a grande contribuição de Bourdieu nos estudos da religião é justamente retirar a aura um tanto 'fantasmagórica' dos conceitos e símbolos religiosos de modo a localizá-los no real e no local mesmo em que se dão estes acontecimentos, correlacionando-os não apenas com as intenções subjetivas (que seriam numa pesquisa empírica sociológica inacessíveis) mas, vendo estas intenções funcionando de acordo com os meios próprios de ação e as 'recompensas' oferecidas àqueles que sabem usar e manipular bem os 'capitais simbólicos' adquiridos.

Que o caráter abstrato, formal e, por assim dizer, "idealista" de medidas tomadas na mais completa ignorância das condições da sua concretização tenha contribuído, à revelia, para a inversão paradoxal que as fez reverter, por fim; a favor dos seus autores ou – o que já não é a mesma coisa – da sua classe é um fato em que não podemos ver o resultado de um cálculo cínico e, menos ainda, de uma espécie de milagre do inconsciente "burguês". O que é necessário compreender é a relação entre estas medidas (ou o habitus, característico de uma classe, que aí se exprime em termos, por exemplo, do universalismo e do formalismo de suas intenções) e a lógica de campo, em que se geram – em função de habitus que

3 Somente a título de informação pode-se citar o clássico de Émile Durkheim em sua obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, um nome histórico na sociologia da religião.

nunca se circunscrevem completamente a ele – as reações suscitadas (BOURDIEU, p. 81, 1989).

Especificamente no campo religioso brasileiro o que se apontam nas pesquisas empíricas da área é exatamente a existência de tendências antigas que ainda operam na religiosidade brasileira, especialmente o aspecto híbrido, um exemplo destas pesquisas são os trabalhos de Alencar (2012) e Correa (2012) que apontam por meio de um conjunto robusto de dados documentais e dados colhidos entre pessoas praticantes do pentecostalismo uma forte tendência de igrejas ou ministérios autônomos que mesmo com lideranças e corpo doutrinário parecidos buscam quebrar certas hegemonias religiosas por meio de novas vivências religiosas condicionadas sobretudo por influxos emocionais apoiados em pessoas carismáticas. Estes são traços característicos de um tipo de hibridismo que não deve ser tomado de modo romântico e idealista como uma espécie de 'democracia' simbólica, pois tal ênfase seria tão precipitada e enganosa quanto considerar a miscigenação populacional como o exato correlato de uma democracia racial. Segue-se que a religião brasileira também espelha os diversos 'genes' culturais herdados, contudo, o que irá prevalecer é o mais forte, tomando como analogia a genética biológica, também no comportamento social os aspectos prevalecentes serão aqueles com maior força semântica para o grupo que herdará aqueles 'traços'. Força aí entendida no sentido de imposição e adaptação simbólica. Desta forma, a religião estaria internamente tão permeada de tensões quanto de acordos de acomodações, porém, o que normalmente chega para os campos sociais externos são sempre os aspectos do acordo, dando uma 'impressão' falsa de homogeneidade. Por isso que a ênfase de Bourdieu será muito útil, ao menos na elaboração desta discussão.

A análise da temática está dividida de forma didática, procurando decompor as partes elementares do processo religioso pentecostal, primeiro colocando os principais elementos místicos localizando as referências históricas desta experiência na dinâmica complexa do cristianismo pelo mundo. Posteriormente são apresentadas as características específicas do pentecostalismo brasileiro inserindo a institucionalização progressiva deste movimento que tem se firmado em bases dogmáticas precisas, sobretudo no âmbito teológico e ético.

2 Resultados e discussão

2.1 O pentecostes bíblico e o movimento do pentecostalismo moderno

O movimento pentecostal surgiu dentro de vertentes do protestantismo norte americano com influências do pietismo⁴ desenvolvido em partes da Europa, e desde sua origem esteve ligado ao relato de Atos 2 que descreve a experiência da cristandade primitiva em Jerusalém, onde segundo consta no texto bíblico houve o batismo com o Espírito Santo e uma série de manifestações sobrenaturais indicando aos fiéis a direção que aquela comunidade tomaria a partir dali. As influências do pietismo são demonstradas sobretudo no rigor moral que marcaria a experiência de conversão do crente. A conversão nesta perspectiva não seria um evento isolado, mas demandaria uma auto - vigilância do crente nas várias áreas da vida a fim de verificar-se também em seu cotidiano vital os efeitos do Espírito Santo.

O texto de Atos 2:1-9 que serve de base e apoio para explicar as experiências do pentecostalismo moderno é considerado como um marco histórico importante na formação da configuração do cristianismo enquanto religião universal o que deu forte impulso a sua pregação entre povos de origem étnicas distintas. A festa do Pentecostes era uma das várias solenidades que faziam parte do calendário religioso judaico e seguiam conforme as leis escritas nos cinco primeiros livros da bíblia que consta na *Torá* judaica, em particular Levítico 23: 15-25. Era uma festa comemorada 50 dias após a páscoa, e conforme é indicado no início de Atos, Jesus apareceu ressuscitado aos seus discípulos após sua morte a qual se deu exatamente no período pascoal e permaneceu com eles por cerca 40 dias. Após a ressurreição e antes de subir ao céu instruiu que eles permanecessem em Jerusalém até que recebessem o batismo com o Espírito Santo, o que ocorreu no dia da comemoração do Pentecostes (conforme descrito em Atos 2:1). É muito significativo o dia no qual este fatos se deram pois, no pentecostes judaico acontecia o encontro dos

4 Movimento originalmente ocorrido entre círculos luteranos e anglicanos que privilegiava a experiência pessoal de santidade do crente como a maior evidência de sua salvação.

hebreus dispersos pelos vários lugares do império romano, foi o momento de testemunho acerca do valor multinacional que o cristianismo acabou adquirido ao longo de seu desenvolvimento histórico, por isso o sinal de línguas de fogo sobre os discípulos foi tão importante na constituição da igreja enquanto organismo transnacional.

Os desdobramentos deste evento cristão foram mais amplos do que apenas a manifestação das línguas, mas envolveu também a concessão de dons ou carismas e, conforme descreve algumas cartas apostólicas, como por exemplo, 1 Coríntios (12: 1-11), eram sinais da atuação do Espírito Santo sobre a Igreja nascente, e fora o motor principal para o fervor e compromisso incondicional tão característicos daqueles primeiros cristãos.

Depois do período apostólico conforme apontam alguns documentos conciliares (Credo Niceno – Constantinopolitano 325 d. C. E 381 d. C.; Credo Atanasiano 441 d. C.) que apontam um direcionamento espiritual mais verticalizado, sendo a experiência espiritual entendida de uma forma mais racionalmente diluída e menos extática, revelando-se na experiência com a igreja enquanto corpo de dogmas e liturgias. Assim, a ação da terceira Pessoa da Trindade já não seria algo tão perceptível aos cristãos em geral, mas ganha a áurea dos grandes mistérios sagrados acessível por meios intermediados como as meditações bíblicas e a interpretação contidas nas pregações dos líderes e bispos da igreja. Uma das mais importantes experiências de êxtase espiritual comunitário após o período apostólico se deu no século II em Montano, mas foi algo muito localizado e sem grandes repercussões para os fiéis de todo o mundo.

Mas, se fôssemos estabelecer, na história cultural do cristianismo, um ponto de partida para o estudo do pentecostalismo, onde ele seria localizado? Há quem atribua a Montano, um cristão do segundo século, a luta pela recarismatização da cristandade. Isso porque, segundo Montano, por volta do ano 150, os cristãos já haviam abandonado certos carismas, por exemplo: “falar em línguas”, “receber revelações divinas” ou esperar pelo poder da divindade “sinais”, “curas” e “maravilhas”. Ora, as conseqüências da pregação de Montano foram intensas e fortes, pois séculos depois ainda existiam comunidades cristãs com um perfil semelhante ao de igrejas pentecostais modernas (CAMPOS, 2005, p. 103).

O evento do pentecostes tem vários tipos de interpretações possíveis, por isso vale a pena gastar algumas linhas para descrever sobre as possibilidades de interpretação a fim de esclarecer a discussão. De acordo com Dias (2018) o evento tal como descrito na Bíblia seria uma espécie de hierofania que é um conceito analítico retirado dos escritos do historiador da religião Mircea Eliade. Contudo, no desenvolvimento histórico do movimento pentecostal moderno há outros elementos além do meramente religioso, envolvendo as questões de classe social e entre outros conceitos da sociologia contemporânea. Dias (2018) também apontou que o pentecostalismo moderno seria uma dissidência do protestantismo histórico o qual ainda preservava traços da rigidez institucional católica. E ao longo da argumentação ele coloca as questões identitárias de católicos e protestantes, e de protestantes históricos e pentecostais nos termos da visão do divisionismo de classe oriundo do pensamento do italiano Antônio Gramsci; e apontou possíveis interpretações acerca dos fenômenos comportamentais e emocionais suscitados no pentecostalismo moderno como algo ligado mais a experiência subjetiva do que algo objetivamente tangível e acessível a análise externa:

As pessoas que falam em línguas dizem que isso lhes propicia uma alegria muito grande e atribuem essa alegria ao Espírito Santo. Essa alegria pode ser advinda simplesmente do fato de elas acreditarem que aquilo é uma experiência espiritual. No nosso entendimento, o efeito não provém da experiência em si, mas da interpretação que é dada a ela. Allás, a própria experiência adviria do fato de se crer nela (DIAS, 2018, p.84).

Todas estas questões precisam ser consideradas a luz do fluxo histórico e dos acontecimentos sociais que se processaram ao longo do tempo pós cristão. Primeiro, em relação ao evento descrito em Atos 2 é importante destacar que não se tratou apenas de um fenômeno de hierofania, pois hierofania se trata de um tipo de contato imediato de um objeto ou pessoa com o sagrado, quando a vida individual passa a ser regida segundo a ordem do sagrado, contudo, o ocorrido com os primeiros cristãos tratou-se, de acordo com o próprio texto bíblico, de cumprimento de profecias conforme apontou Pedro (Atos 2:14-

19) no seu discurso após o sinal das línguas de fogo. Tendo em vista este caráter profético, o pentecostes cristão pode ser inserido num fluxo histórico contínuo que procedeu desde os antigos profetas de Israel e desaguou nos Apóstolos que foram revestidos da autoridade do Cristo ressuscitado (para aqueles que creram na ressurreição).

Desta forma, os acontecimentos narrados em Atos 2 v. 1-13, não se trata de hierofania apenas, pois esteve totalmente ligado aos povos (chamados profanos pelos judeus da antiga aliança) que acabaram incorporando posteriormente a fé cristã. Não é um evento de mera manifestação do sagrado, mas é uma espécie de absorção do profano no sagrado que conferiu algum tipo de poder sobre os primeiros cristãos. Quando os povos considerados pagãos ou profanos passaram a professantes de uma fé originalmente judaica, então ocorreu uma integração de um povo santo com um profano, sendo todo este processo não ritualístico, mas sim mediado por ato de fé no Espírito a quem fora atribuída a ressurreição de Jesus Cristo. É precisamente o ato de fé o elemento mais enfatizado pelos discípulos e primeiros professantes do cristianismo, e a fé neste caso em torno de eventos historicamente delimitados, tendo o nascimento, morte e ressurreição de Jesus o ponto de referência cronológica para povos de origens étnicas diferentes, pode-se afirmar sem o medo do exagero que o cristianismo foi a primeira religião global que nasceu antes mesmo da integração global dos povos que se tem efetivado atualmente.

Portanto, o pentecostes cristão não foi uma mera experiência espiritual de êxtase coletivo, mas foi sobretudo um evento com contornos históricos bem fixados por aqueles que foram recebendo e aceitando a fé ao longo das eras e gerações cristãs. Agora, no que se refere aos acontecimentos ligados ao pentecostalismo moderno, de fato, sendo o contexto histórico diferente não caberia afirmá-lo enquanto uma mera repetição do pentecostes original dito pelos crentes como sendo o marco da descida do Espírito Santo junto a igreja em Jerusalém do primeiro século. O cristianismo do século XX tinha características sociais e históricas específicas, por isso vale a pena recorrer um pouco mais a história do desenvolvimento da fé cristã pelo mundo para saber como correlacionar os fatos sociais a fé dos que passaram a desenvolver o pentecostalismo moderno.

Conforme apontou Dawson (2016) o desenvolvimento da cristandade no período posterior à época dos apóstolos foi marcado pelo fim do Império Romano e uma série

de conflitos, embates e ajustamentos sociais que colocou em prova a resistência e capacidade de adequação daquela fé ainda nova. A sobrevivência da fé cristã em meio a mudanças históricas e sociais de toda ordem demonstrou o poder espiritual daquele povo que se escondeu entre os muros das igrejas, e foi naquele momento histórico de dissolução civilizacional que a igreja medieval nasceu. Mas, a despeito da organicidade da igreja medieval, o fato é que o cristianismo adquiriu diversas formas em cada região ou grupo civilizacional que o aderiu, pois a conversão da 'Europa bárbara' em cristandade medieval foi um processo longo e cheio de complexidades. E aquele caldo cultural/religioso serviu como a base fundacional para um ideal de 'civilização cristã' histórica, e as grandes instituições que se construíram ao longo dos longos séculos medievais tiveram aquele ideal como fundamento principal.

Em outra obra Dawson (2014) discorre sobre as questões sociais e culturais envolvidas na divisão entre católicos e protestantes. A primeira grande divisão institucional se deu lá pelo período do século XI d. C. quando ocorreu a formação da Igreja Ortodoxa Oriental com sede em Constantinopla e a Igreja Católica Ocidental com sede em Roma. Apesar de toda divisão ser algo desconfortável, esta primeira cisão não foi tão dramática quanto a ocorrida no século XVI no interior do catolicismo romano. A reforma protestante foi muito mais dramática pois acirrou as diferenças que já existiam entre aqueles vários povos, que apesar de formatados numa cultura e civilização única, sempre mantiveram latentes suas hostilidades.

A quebra da unidade religiosa ocidental, protagonizada inicialmente pelas tentativas de reformas luteranas, representou uma ruptura política e ideológica que transformou a história do continente europeu e repercutiu no colonialismo americano que se deu paralelamente. Ao longo do período medieval houve no contexto dos povos europeus um distanciamento contínuo entre o clero erudito e os leigos. Assim, o misticismo popular era muito determinado e orientado conforme a mediação da igreja e dos santos canonizados que representavam a ordem divina para os homens na terra. O texto sagrado foi por muito tempo algo distante da maioria dos fiéis, pois além de boa parte ser analfabeto não havia tradução para as línguas faladas entre as várias nacionalidades europeias. Naquele contexto nasceu a experiência protestante que inicialmente era um movimento

acadêmico teológico com grande representação na figura de Lutero, mas logo ganhou adesão de autoridades políticas que insatisfeitas com as ingerências de Roma em seus domínios resolveram apoiar o movimento de reformatação dos valores religiosos.

A ênfase na devoção individual, baseada na iluminação espiritual da Bíblia daria ao fiel um campo de atuação mais amplo e seria um divisor de águas para muitos acontecimentos sucedidos ao longo dos séculos posteriores. Mas, apesar desse lampejo de 'liberdade individual', a fé cristã ainda era algo que dependeria da mediação eclesiástica, neste sentido, a mudança paradigmática da experiência religiosa do cristianismo ainda seria marcada por mediações institucionais. Porém, o modelo institucional nunca combinou muito com os anseios básicos que atraíam as pessoas ao protestantismo, de modo que nos séculos XVII e XVIII começou a aparecer em países de tradição luterana e calvinista a preocupação com a santidade individual e a confirmação espiritual da salvação, tais questões trouxeram a pessoa do Espírito Santo para o centro da devoção cristã, enfatizando sua ação em conduzir e aperfeiçoar o cristão. Estes movimentos ficaram conhecidos como pietismo na Alemanha e nas ilhas britânicas era o movimento de santidade que teve como principal representante John Wesley que a partir de 1727 foi para a América do Norte e por lá ajudou a difundir as primeiras experiências de avivamento espiritual, muito importante para a consolidação dos valores religiosos basilares dos Estados Unidos independente e também representou um germe para o pentecostalismo do século XIX.

Os momentos de santidade tiveram como característica principal a noção de que a conversão representava o início da caminhada cristã, mas havia a necessidade de se buscar por uma segunda bênção que estava radicada numa vida de pureza moral e espiritual a qual estava condicionada a comportamentos ascéticos e metódicos de devoção pessoal. Outro elemento crucial para a rápida popularização destes movimentos estava relacionado a mudanças sociais que ocorriam no começo da industrialização e intensa urbanização das sociedades britânica e norte americana.

Nessa grande efervescência do campo religioso também refletiam as agitações dos últimos 35 anos do século XIX, que ficaram marcados pelo trauma da Guerra Civil; libertação dos escravos negros; tensões raciais; crise prolongada do mundo da agricultura no sul do país; mobilidade populacional em direção às cidades

do norte em processo de industrialização; chegada de milhões de imigrantes brancos, que vinham refazer na América laços rompidos pela pobreza e miséria na Europa de então (3). O processo de urbanização e industrialização fez crescer rapidamente a América urbana, esvaziando a zona rural e as pequenas cidades e vilas, lócus de um intenso reavivamento espiritual do camp meeting. No entanto, a explosão de movimentos voltados ao ideal de santificação oferecia às pessoas traumatizadas por uma guerra civil terrível, pela falta de um norte seguro, ou então deslocado pela mobilidade populacional, algumas ilhas de certezas. Assim, o “cinturão da Bíblia” e as comunidades emocionais seriam ricas oportunidades para o encontro de regras seguras, inflexíveis e indiscutíveis para a vida cotidiana (CAMPOS, 2005, p.105).

2.2 O pentecostalismo brasileiro e suas características estruturais e estruturantes

O pentecostalismo brasileiro tem fortes vinculações históricas com movimentos de dentro do protestantismo norte-americano e europeu, por isso muitos de seus valores simbólicos básicos e estruturantes precisam ser vistos em relação as tradições do protestantismo mundial.

Um dos marcos iniciais do pentecostalismo moderno se deu através das reuniões promovidas pelo pastor William Seymour na rua Azusa, Los Angeles, EUA nos idos de 1906. A principal característica daquele grupo eram as efusivas experiências espirituais, mescladas com danças, tremores, choros e falas incompreensíveis. Este foi o protótipo comportamental e a identidade mais prevalente que o movimento pentecostal acabou ganhando no mundo, principalmente em países da América Latina, África e Ásia. O aspecto missionário e de fervor escatológico também teve grande poder interno, o que fez este movimento ser uma das expressões modernas do cristianismo mais crescentes e com grande adesão popular, principalmente em regiões onde a concentração de renda e a pobreza são altas. (CAMPOS, 2015)

A ênfase na cura e em milagres demonstra o quanto esta vertente cristã aproximou-se dos problemas humanos mais imediatos e propôs uma aproximação direta com Deus ao afirmar os grandes poderes divinos, enaltecendo o valor do Espírito Santo como um

guia próximo dos fiéis e de suas necessidades. Apesar de sua rápida popularização o pentecostalismo recebeu e ainda recebe muitas críticas por parte das igrejas herdeiras do protestantismo histórico. Os reformados tradicionais, com sua liturgia sóbria e teologia ainda fortemente calvinista, não admitiam que aquelas experiências fossem algo oriundo de Deus e consideram o pentecoste de Atos 2 como um evento isolado e único na história antiga do cristianismo sendo que, o papel atual do Espírito Santo seria tão somente levar os convertidos a ter uma vida santa. É possível encontrar mais informações documentadas acerca da história do cristianismo em vários autores, mas destaco as obras de Christopher Dawson (1889-1970) especialmente duas: *Criação do Ocidente* e *A Divisão da Cristandade*.

A valorização dos aspectos morais presente no pentecostalismo moderno é um reflexo tardio do apelo por santidade dos movimentos de avivamento protestante e também representam um enfrentamento à já conhecida adequação conveniente que muito líderes religiosos fazem para manter a influência política e econômica sobre suas comunidades. Diante disso Niebuhr (1992) argumenta que o cristianismo primitivo guardava os aspectos mais comunitários sem perder a ética e os progressos conquistados pela fraternidade, procura com isso fazer uma análise da religião levando em consideração os aspectos sociológicos que afetaram a configuração das relações religiosas.

Se as energias espirituais se desenvolvessem sem restrição, pouco contribuiriam para a formação de tantas denominações que atualmente compõe o cristianismo. As energias religiosas são bloqueadas, confinadas em estreitos canais, divididas em correntes paralelas, por distinções não religiosas e por classificações dos cristãos. A origem dos movimentos religiosos, portanto, não precisa ser econômica para que os resultados assumam caráter definitivamente econômico. (NIEBUHR, p. 26, 1992)

A explicação pela via meramente econômica não é suficiente para compreender a ordem e o sentido dos movimentos religiosos, no entanto, há seguras evidências históricas que atestam a relação de reciprocidade entre o terreno religioso das nações e os desdobramentos que se dão em sua ordem econômica e social. Em termos de explicação sociológica do fenômeno religioso protestante a tese de Weber (*A Ética Protestante e o Espírito Capitalista*) continua a ser muito consultada para se compreender as correlações

entre certos ideais protestantes históricos e suas consequências na cultura e economia. Weber começa argumentando sobre o fato de que nos países e regiões onde ocorreu maior influência da reforma houve um intenso e rápido desenvolvimento do modelo de produção capitalista.

E o que é mais importante nessa relação: em tais casos, não foi, geralmente, um afluxo de novo dinheiro investido na indústria que nos trouxe essa revolução – em inúmeros casos conhecidos por mim, todo o processo revolucionário foi posto em movimento com alguns poucos milhares de capital emprestados de conhecidos – mas o novo espírito, espírito do capitalismo moderno, que foi posto em operação. A questão das forças motrizes nessa expansão do capitalismo moderno não é em princípio uma questão de origem das somas de capital acessíveis ao uso capitalista, mas, antes de tudo, do desenvolvimento do espírito do capitalismo. Onde ele aparece e é capaz de efetivar-se, produz o seu próprio capital e suprimento monetários como os meios para os seus fins, mas o inverso não é verdadeiro.” (WEBER, p. 69, 70, 2013)

O capitalismo moderno está radicado na valorização do lucro como um fim em si mesmo, a tal ponto de que a riqueza e aquisição da fortuna tem ganhado status e valor espiritual capaz de despertar grande número de afeições e perturbações psicológicas. Mas para além desses aspectos simbólicos e individuais, o estabelecimento do capitalismo serviu para reorganizar os valores e lugares das classes sociais. A interdependência entre as classes nunca se mostrou tão radical quanto no interior das sociedades capitalistas, em outros momentos da história as hostilidades entre os grupos humanos eram geralmente marcadas por situações críticas como a fome, guerras ou catástrofes naturais, e nos momentos de esfriamento desses aspectos o tecido social era mais ou menos pacificado. Mesmo havendo desigualdades significativas não se percebia com tanta evidência aquela força oriunda da consciência de emancipação que se tornou um ponto significativo na moderna organização social capitalista.

A eficácia e a disseminação mundo afora do modelo espiritual do protestantismo podem ser associadas ao próprio modelo simbólico e ideal no qual se estruturou o *homem*

capitalista. Valores capitalistas e valores espirituais estão correlacionados, não num sentido positivo ou negativo que os movimentos políticos moderno acabaram imprimindo, mas tal vinculação deve ser entendida como originária e meramente pragmática. Weber (2013), em sua célebre tese, correlacionou esta lógica espiritual ao modelo capitalista ao traçar uma linha associativa entre os primeiros burgueses 'capitalistas' e o modelo racionalizante do modo de produção capitalismo moderno. Estes valores, não por acaso, estão ligados aos movimentos protestantes e suas respectivas formas teológicas que contribuíram para uma conformação social compatível ao espírito do capitalismo preparando o terreno sociológico para o aperfeiçoamento orgânico da sociedade moderna.

A questão levantada por Weber (2013) não consiste, como ele mesmo afirmou no final do capítulo 3, em atribuir ao protestantismo ou aos reformadores o lugar de causadores voluntários e conscientes do capitalismo. Pois, ao se deter atentamente na forma ética e postura religiosa adotada pelos precursores da reforma, percebe-se que a atitude primária do capitalismo seria facilmente considerada algo reprovável e intimamente relacionado ao pecado da ganância. Mas é fato histórico que a cultura produzida pelos povos ajustados mediante doutrinas reformadas, em particular o calvinismo, desenvolveram uma nova maneira religiosa para lidar com os trabalhos e as vocações mundanas. Esta nova forma de encarar o trabalho neste mundo foi algo que superou o ascetismo monástico da idade média e propôs um engajamento desenvolvimentista, onde as conquistas realizadas pelo crente na melhoria das condições do mundo e da vida redundaram em glória à Deus e sua consequente recompensa aos fiéis.

A vida mundana era vista não apenas como uma passagem para a vida eterna, mas considerava-se que estava nesta terra a chance da pessoa confirmar sua salvação individual por meio de ações, compromissos espirituais e investimento de tempo em afazeres que promovessem o bem comum e a glória de Deus. Neste ascetismo moderno do protestantismo há também todo peso psicológico representado pela interpretação rígida do calvinismo. Pois apesar de ter um racionalismo teológico quase impecável, o fato é que a doutrina da predestinação (ponto mais polêmico da teologia calvinista) é algo que insere dentro do cristão um tipo de isolamento existencial sofrível. Então, para aplacar este sentimento de dúvida cruel frente a ser ou não ser eleito, o fiel foi colocado diante

do mundo como um servo que deveria por meio de seu trabalho e conduta moral rígida confirmar para si mesmo a eleição divina.

Ao falar sobre a origem do denominacionalismo cristão Niebuhr (1992) associa o divisionismo com problemas de desigualdade social emergentes no interior da igreja desde os períodos iniciais da reforma protestante. Problemas que não foram devidamente resolvidos e criaram espaço para a formação de novas comunidades, as quais surgiam como uma espécie de reação ao formalismo institucional conformado aos modos de vida do mundo permeado de castas e sentimentos de hierarquias e rivalidades sociais. Ele coloca esta fragmentação como um fracasso da ética cristã protestante que não conseguiu se adequar aos valores espirituais mais nobres do cristianismo primitivo. Formou-se com o tempo um grupo de elite intelectualizada, quase sempre preocupada em conciliar a fé com os modelos sociais existentes, tal parcela acabou esquecendo os anseios daqueles convertidos considerados como deserdados. Ou seja, os grupos que viviam às margens daquela elite espiritual passaram a ser considerados como meros fanáticos e dissidentes rebeldes a Deus.

Já se percebe no que fala Niebuhr (1992) uma tendência em demonstrar os processos internos de disputas simbólicas que deram ocasião e força no campo religioso aos grupos pentecostais. A reação dos crentes deserdados, via de regra, foi o associar-se em novos ambientes de culto onde seus problemas e demandas pudessem ser devidamente representados nas falas oficiais de seus líderes carismáticos. Por meio de uma liturgia informal, cuja teologia é próxima dos anseios milenaristas, estes grupos elaboram complexas redes de influência mútua e rapidamente estas denominações ganharam popularidade e se inseriram no contexto maior de interesses políticos e religiosos.

Na formação das várias denominações cristãs modernas e também na formação das seitas há certos apelos revolucionários implícitos que funcionaram como motor na formação de novas identidades religiosas muitas das quais nascem do confronto com instituições já estabelecidas, mas após um tempo de maturação todas acabaram reproduzindo o mesmo modelo de hierarquias rígidas já presentes na segmentação de classes sociais. Estes apelos por mudanças se expressam sobretudo nos meios e usos simbólicos da experiência subjetiva como sendo a portadora real daquilo que aparece no

discurso oficial apenas como uma tendência de direcionamento de poder. Assim sendo, um símbolo religioso tem mais força e eficácia interna e externa quanto mais ele consegue se adequar aquilo que a experiência subjetiva absorve como sendo seu, de outra forma a religião se dissolve em meras burocracias que com a concorrência de outros campos racionalmente organizados tenderiam a perder sua forma normativa maior.

Conforme foi observado neste breve histórico e nas análises dos movimentos pentecostais, constata-se sua dependência simbólica com um campo religioso muito maior, ao qual os estudiosos e historiadores chamam de cristianismo e alguns de cristandade. Tal pertença faz do pentecostalismo um amplo espaço de embates, tensões e ajustes simbólicos, pois ao tentar dar conta de um valor específico do cristianismo; a saber o Espírito Santo, tal movimento acabou inevitavelmente afetando mesmo o catolicismo, que historicamente foi colocado de parte por herdeiros do protestantismo histórico. Ou seja, conforme apontam Benigno Juanes (1994) e Carranza (2009), mesmo no movimento carismático católico moderno se encontram tensões relacionadas a questões internas, a questão do socialismo que por sua vez tem relações com disputas maiores no campo religioso da América Latina e outras regiões onde o pentecostalismo tem atraído fieis que antes eram católicos.

O fato crucial para entender o pentecostalismo brasileiro está nas correlações de fatos simbólicos, daí que o mais importante não é tanto a interpretação que se dá a estes fatos, mas a função que tais fatos carregam e como estas afetam diretamente a vida cotidiana e a percepção atual que se tem em relação ao cristianismo.

As vertentes protestantes pentecostais foram as que mais se destacaram no cenário nacional e seu público predominante são pessoas oriundas das classes de pouco poder aquisitivo. Este detalhe é destacado por Correia (2018) e tal fato é revelador do tipo de religiosidade predominante entre os pentecostais, na teologia se enfatiza as noções arminianas⁵ de valorização da escolha e responsabilidade humana, assim, a ênfase na conversão e no reconhecimento dos pecados para a imediata salvação é um fato motivador de novos investimentos missionários e na fundação de novas igrejas, mas

5 Tendência na interpretação teológica protestante ligada ao teólogo holandês Jacobus Arminius, que veio com o passar do tempo a ser tão forte que antagoniza em força com o dogmatismo doutrinário calvinista.

nestas fundações novas, acaba-se via de regra, prevalecendo o aspecto carismático das lideranças dissidentes.

Por ser um país tradicionalmente católico o Brasil tem vivenciado mudanças sociais e culturais significativas desde a popularização do movimento evangélico, cujo maior vetor de crescimento se deu entre as denominações pentecostais. Mendonça & Velasques Filho (1990) colocam que estas alterações sutis e duradouras do cenário nacional têm relação com as características do protestantismo de missão que foi largamente aplicado em terras brasileiras por grupos e igrejas de origem principalmente norte-americana, como é o caso dos presbiterianos, congregacionais, batistas e alguns pentecostais. Neste tipo de protestantismo prevaleceu um espírito de pragmatismo onde o foco estava em fazer a igreja se expandir e aumentar numericamente, fazendo com isso aumentar a sua relevância e influência civil e política.

O crescimento pentecostal no Brasil seguiu de perto as mudanças de migrações internas que levaram muitos que viviam em zonas rurais para as grandes regiões urbanas. Conforme bem colocou Alencar (2012), o fenômeno pentecostal, especialmente assembleiano, é marcado por tendências híbridas onde são conjugados aspectos tradicionalistas do *ethos* rural com tendências modernizantes das populações urbanas. Assim, dentro do movimento pentecostal brasileiro tem-se observado as mesmas desigualdades encontradas no espaço social nacional maior, ao analisar as estruturas das Assembleias de Deus a partir de um recorte histórico longo constatou mudanças institucionais importantes que serviram para adaptar o pentecostalismo junto a grandes estruturas de poder simbólico já existentes no país, e de tal modo eficiente se deu este processo, que o pentecostalismo acabou ganhando grande protagonismo no campo religioso e político contemporâneo, sendo um reflexo inequívoco dos grandes 'dramas' e 'contradições' da condição do povo brasileiro.

A Assembleia de Deus no Brasil é brasileira? Brasileiríssimo. Ela pode não ser "a cara" do Brasil, mas é um retrato fiel. E um dos principais. É uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira. Como o Brasil, é moderna, mas conservadora, presente, mas invisível, imensa, mas insignificante; única, mas diversificada; plural, mas sectária; rica, mas injusta; passiva, mas festiva; feminina, mas machista;

urbana, mas periférica; mística, mas secular; carismática, mas racionalizada; fenomenológica, mas burocrática; comunitária, mas hierarquizada; barulhenta, mas hierarquizada; barulhenta, mas calada, omissa; mas vibrante; sofredora, mas feliz. É brasileira (ALENCAR, 2012, p.15).

A busca por eficácia religiosa está referenciada no tipo de religiosidade civil praticada no EUA, mas ainda que este o protestantismo brasileiro tenha similaridades oriundas das missões norte-americanas, há que se perceber o movimento evangélico brasileiro com as características singulares próprias que ele tem. Por aqui a força sincrética do povo brasileiro ajudou a criar uma proliferação de igrejas e práticas religiosas que por vezes confundem os eruditos, teólogos e cientistas sociais que buscam compreender este fenômeno multifacetado. Neste universo das igrejas pentecostais brasileiras prevalece o elemento “caótico” e “antropofágico” tão marcante deste povo de raças misturadas, onde várias tradições religiosas se tornam uma massa impressionantemente bonita de se ver.

Várias questões do hibridismo moderno estão mesclados no pentecostalismo, e conforme foi colocado por Júnior (2011) já ocorre uma internacionalização do protestantismo à brasileira, destacando-se o papel da IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) em Portugal onde certos elementos da cultura portuguesa são postos em conflitos entre cultura global e cultura local. Ou seja, mesmo em um país consagrado historicamente pelas grandes navegações (um marco histórico do desenvolvimento do globalismo) já se aponta um certo tipo de colonialismo reverso praticado por modelos religiosos expansionistas largamente empregado pelos ‘empreendedores’ do pentecostalismo brasileiro. Tudo isto pode colocar em dúvida conclusões precipitadas que tem a tendência de olhar o movimento religioso apenas dentro de perceptivas brasileiras internas, é preciso observar o quanto do modelo cultural brasileiro também é incorporado e de certo modo até importado para outras fronteiras. Deixando claro o caráter frágil das fronteiras atuais o pentecostalismo também pode ser visto como um movimento ligado a certos anseios de pluralismo étnico algo muito antigo no cristianismo.

Considerações Finais

Os fatos da vida urbana e moderna do Brasil atual refletem sobretudo na maneira como a experiência religiosa é vivida e difundida entre as várias camadas sociais. De acordo com Passos (2000) a urbanização brasileira se deu de forma muito acelerada e administrativamente desordenada, e o pentecostalismo refletiu estes processos quando demonstrou uma tendência em aglutinar dentro de si tendências burocráticas e tendências espirituais de êxtase. O que se vê são motivos espirituais transcendentais mesclando métodos eficientes de difusão da mensagem religiosa seja através do uso das telecomunicações modernas, ou seja, por meio de um embate ideológico identificado com uma forma conservadora no campo político.

Neste universo das igrejas pentecostais brasileiras prevalece o elemento “caótico” e “antropofágico” tão marcante deste povo de raças misturadas, onde várias tradições religiosas se tornam uma massa impressionantemente caótica e permutada por símbolos religiosos aparentemente contrários, mas que na prática sofrem ressignificação e adequações condizentes com dinâmicas espirituais antigas atualizadas em formas híbridas. As grandes disputas que já vem sendo vivenciadas nos longos anos de cristianismo aparecem atualmente bem representadas dentro destes modernos movimentos pentecostais, e o mais interessante ao público de pesquisadores brasileiros é perceber que neste cenário do cristianismo, ou da cristandade moderna, tem ganhado ênfase e formado discussões e paradigmas simbólicos relacionados às vivências espirituais de povos latinos, africanos e asiáticos. E ainda que todas estas experiências estejam marcadas pela história normativa e dogmática do cristianismo (o que não poderia ser diferente já que o cristianismo é um campo religioso específico) é possível visualizar capitais simbólicos em franco processo de integração onde, novos e velhos polos de poder são remanejados mediante a importância real que as pessoas lhes conferem.

Saber entender como o Brasil se encaixa neste jogo de disputas simbólicas maior é muito pertinente, principalmente tendo em mente que muitos destes movimentos pentecostais e neopentecostais marcadamente brasileiros já têm entrado em fronteiras internacionais. O que se pode verificar é que velhos problemas da ordem social, jurídica e

política surgem agora com um caráter fortemente moralizante e religioso, o que significa uma tendência de afetação em outros campos simbólicos como o campo científico e mesmo o político partidário, o que apareceu com muito mais força na última eleição presidencial em 2018. E estes fenômenos não ocorreram de modo isolado nem foram meras obras do acaso, mas podem ser observados mediante uma lógica dedutiva a partir dos processos e tendências espirituais brasileiras mescladas com as grandes redes de influências e forças dentro do campo religioso cristão atual.

Referências

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, História e Tipologia 1911-2011*. Doutorado em Ciência da Religião, PUC- São Paulo, 2012.

BENIGNO JUANES. *Que é a renovação carismática católica?* Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1994.

BÍBLIA, N.T. Atos. In: *A Bíblia Sagrada*. Revista e Atualizada; 2º ed. Barueri – São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. [1989]. *O poder simbólico*. DIFEL – difusão Editorial, Lisboa. Tradução: Fernando Tomaz. Editora Bertrand Brasil, S.A; Rio de Janeiro.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. Tradução: Leila Souza Mendes. Editora UNISINOS; São Leopoldo RS, 2010.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*. Revista USP, São Paulo, nº 67, p. 100-115, 2015. In: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKewjIn7e4iODrAhXWK7kGHVpIBeMQFjABegQIAxAB&url=http%3A%2F%2Fwww.revistas.usp.br%2Frevusp%2Farticle%2Fdownload%2F13458%2F15276%2F&usg=AOvVaw3YweZC-WcXydacaHFY0Mul>. Acessado em setembro de 2020.

CARRANZA, Brenda. *Perspectivas da neopentecostalização católica*. IN: ROCHA, Cristina e VÁSQUEZ, Manuel A. *A diáspora das religiões brasileiras*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009, p. 33-58.

CORREA, Marina. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos ministérios das igrejas das Assembleias de Deus no Brasil*. Doutorado em Ciências da Religião, São Paulo: PUC, 2012.

DAWSON, Christopher. (1889-1970). *A divisão da cristandade*. Tradução: Márcia Xavier de Brito – 1 ed. - É Realizações: São Paulo, Ed. 2014.

DAWSON, Christopher. (1889-1970). *Criação do Ocidente*. Tradução: Maurício G. Righi – 1 ed. - É Realizações: São Paulo, Ed. 2016.

DIAS, Júlio César Tavares. *O movimento pentecostal: algumas notas após os seus cem anos*. *Pol. Hist.Soc. Vitória da Conquista*, v.18, n.1, p. 77-94, 2018. <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjw2ZSXIO7sAhVDGrkGHfE2CLEQFjAAegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Fperiodicos2.uesb.br%2Findex.php%2F-politeia%2Farticle%2Fdownload%2F5169%2F3944%2F9267&usq=AOVaw2qOmFqkpx-n3G-V27COaRU>. Acessado em novembro de 2020.

JUNIOR, Paulo Gracino. "Jesus made Brazil" notas sobre a transnacionalização do pentecostalismo brasileiro para Portugal. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n.22, p. 416-445. DOI: 10.5752/P.2175-58412011v9n22p416. In: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n22p416>. Acessado em novembro de 2020. MENDONÇA. G. A; VELESQUES FILHO.P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

MARQUES, Vagner Aparecido. *Micro-História do Pentecostalismo*. In: *O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUC, 2013.

NIEBUHR, H. Richard. *As origens sociais das denominações cristãs*. Instituto Ecumênico de pós-graduação em Ciência da Religião, núcleo de São Bernardo do Campo: Associação e Seminários Teológicos Evangélicos (Aste). 1992.

PASSOS, João Décio. *Teogonias Urbana: os pentecostais na passagem do rural ao urbano*. São Paulo; Perspectiva 14(4), 2000. In: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewiJioiPieDrAhXzHrkGHZ53B2E-QFjAAegQIBB&url=https%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fscielo.php%3Fscript%3Dsci_art-text%26pid%3DS0102-8839200000400014&usg=AOvVaw0G0KQRXaqc8vf0nkl-ql19. Acessado em setembro de 2020.

PORTELLA, Rodrigo. *Reflexos no espelho: reflexão sobre as ciência(s) da(s) religião(ões) nos programas de pós-graduação brasileiros*. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 9, Jan. 2011. In: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30373>. Acessado em novembro de 2020.

SANCHIS, Pierre. *As religiões brasileiras*. Revista Horizonte, Belo Horizonte, v.1, n.2, p. 28-45, 1997. In: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/412>. Acessado em novembro de 2020.

SANCHIS, Pierre. *As Ciências Sociais da Religião no Brasil. Debates do NER*. Porto Alegre, ano 8, n. 11, p. 7-20, jan./jun. 2007. In: <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/2793>. Acessado em novembro de 2020.

WEBER, Max (1864 – 1920). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução Mário Moraes. São Paulo: Martin Claret, 2013.